

EFEITO DE SENTIDO E VISIBILIDADE SOCIAL: CO-CONSTRUÇÃO DISCURSIVA. O ESPAÇO DE CO-PRODUÇÃO NO TRABALHO DO PESQUISADOR*

Jacques GUILHAUMOU
(guilhaum@newsup.univ-mrs.fr)

Conseil National de Recherches/École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines de Lyon (CNRS/ENS-LSH Lyon)

Num trabalho recente relativo à transformação e à pertinência da noção de formação discursiva, concernente aos usos dessa noção no interior do grupo de historiadores do discurso (GUILHAUMOU, 2005a), quisemos mostrar em que os valores éticos iniciais da análise de discurso, em particular, seu interesse emancipatório, conservam-se, se podemos dizê-lo, até uma co-construção discursiva com as próprias fontes dos atores. Tal reflexão apóia-se principalmente sobre nossa recente colaboração a uma enquête sociológica com Béatrice Mésini e Jean-Noël Pelen (2004), que concerne «as histórias de vida» dos ditos «excluídos», e, mais diversamente, sobre o estudo sociológico da relação de suas ações emancipatórias à tradição cívica oriunda da Revolução Francesa (DONZEL e GUILHAUMOU, 2001).

De fato, na ligação que se estabelece, em análise de discurso, entre a noção de formação discursiva, proveniente dos trabalhos de Michel Foucault, e aquela de formação ideológica, concebida a partir do marxismo, nós sublinhamos um interesse maior pelas formas discursivas da emancipação de uma humanidade agente e sofredora. Tal dinâmica discursiva de valores de emancipação, que tem um grande alcance ético para o analista de discurso, mantém-se ao longo do deslocamento, no curso dos anos 1970 e 1980, do horizonte do sujeito falante específico para o que Michel Pêcheux chama “a deslocalização tendencial do sujeito enunciador” (PÊCHEUX, 1981, p. 17). Assim o gesto inaugural da análise de discurso

* NT.: Texto inédito em francês e concebido especialmente para a intervenção do Professor Jacques Guilhaumou no II SEAD, em atenção ao convite que lhe foi feito pelas Professoras Maria do Rosário Gregolin e Vanice Sargentini, organizadoras do Simpósio *Sentido (Efeitos de)*. Tradução: Carlos Piovezani Filho.

aciona uma transvalidação*, que é antes de caráter imanente, no sentido em que se impõe, num mesmo movimento, e que se mantém, no enfoque discursivo dos materiais empíricos no horizonte de um sujeito emancipador, uma ligação consubstancial entre a materialidade da língua e a discursividade do arquivo.

Inscrevendo nossos trabalhos empíricos de análise de discurso numa tal perspectiva, fomos levados a nos interessar, no espaço de *La parole des Sans* (1998), pela maneira por meio da qual se co-constrói, no interior da troca discursiva entre o pesquisador e o membro da sociedade, uma perspectiva emancipatória, a mais próxima possível dos recursos próprios de atores ditos «excluídos».

Do material sociológico da enquête, emergem, com efeito, configurações de sentido inéditas que contribuem a valorizar os sujeitos emergentes, portanto, a designar novas formas de subjetivação e objetos nocionais inéditos, no mesmo momento em que o pesquisador toma consciência de suas próprias responsabilidades. Convém, então, interrogar-se sobre as modalidades possíveis de análise discursiva dessas novas configurações na perspectiva de uma responsabilidade compartilhada entre o entrevistador e o entrevistado.

*

O estudo discursivo das «histórias de vida» das pessoas ditas «excluídas» permite singularizar um trajeto narrativo, em particular, na maneira de usar as palavras dos outros, de deslocar sua significação, de, por vezes, invertê-las, e, certamente, de defini-las segundo uma nova «ordem de coisas». Mais amplamente, ele caracteriza a capacidade de expressão das testemunhas privilegiadas da «exclusão» contemporânea numa busca de autonomia dotada de uma grande ressonância ética.

A implicação do lingüista na análise da narrativa tende, portanto, a valorizar a autonomia interpretativa dos recursos desse modo narrativo particular, até mesmo a lhe dar, por meio da descrição conjunta de suas especificidades narrativas e argumentativas, um tom realista. Assim, por

* NT.: *Transvaluation*, no original francês. Depois de várias consultas junto ao autor, por meio das quais se construíram diálogos e trocas bastante proveitosos, optou-se pelo termo "transvalidação", em virtude da preservação dos efeitos de fundação e de posterior deslocamento de um domínio de saber para um outro, ou, ainda, da emergência e da apropriação de um campo disciplinar por um outro. Nesse caso, tratam-se do advento da AD e de sua incorporação pela História, por intermédio dos chamados historiadores do discurso (principalmente, Régine Robin, até o final dos anos 80/começo dos anos 90, e Jacques Guilhaumou, ainda hoje), sem que nessa passagem tenham sido alterados ou elididos os princípios capitais da disciplina.

meio da formação de uma identidade narrativa e argumentativa, forja-se uma lógica de existência característica de uma atividade emancipatória. Existe, portanto, um interesse emancipatório na afirmação reflexiva do eu no interior dessas «histórias de vida».

Um exemplo significativo, nesse sentido, é aquele da história de vida de Yannick, 32 anos, marionetista e fundador de uma associação de defesa dos Rmistes*, que mostra como se sucede uma série de proposições negativas, sobre a parte da adversidade na sua vida, e de proposições positivas portadoras de emancipação até o momento em que é o próprio entrevistador que formula o argumento central do trajeto narrativo. Com efeito, ele lança, ao fim do percurso, uma questão que resume a ligação entre a série bifurcada das preposições «O que é o negativo e o positivo?», para chegar, na seqüência da resposta de Yannick, a uma constatação emancipatória com valor de definição: “Fundamentalmente, para você, ser excluído é estar incluído”.

Podemos assim falar de uma razão discursiva, ao mesmo tempo, instituinte de uma fala de emancipação para o dito «excluído», e compartilhada com o entrevistador num espaço comunicativo, intersubjetivo. Nosso procedimento metodológico, que se pretende complementar àquele da enquête sociológica, busca estabelecer de modo diferente a ligação da ética com a política, associando estreitamente convicção e responsabilidade, visando ao maior proveito dos recursos emancipatórios do discurso do entrevistado, naquele momento compartilhados com o entrevistador. O desdobramento em toda sua extensão da convicção como exigência de ação motivada pela simpatia para com aqueles que sofrem é constitutivo da figura do porta-voz, concebida tanto na sua realidade contemporânea quanto na sua concretização histórica (GUILHAUMOU, 1998).

Com essa enquête sobre os atores emergentes no campo da exclusão, que consideram seu engajamento atual no interior do movimento dos «Sem», nós, de fato, reencontramos a figura do porta-voz. Um belo exemplo é aquele de Patrick, conhecido como Nounours, um dos precursores do Movimento Ação anti-Desemprego, de Marseille. Ele se

* NT.: Substantivo derivado da sigla RMI (Revenu Minimum d'Insertion/Renda Mínima de Inclusão) que nomeia aqueles que recebem, em função de suas dificuldades financeiras, um auxílio do Estado francês para alcançarem um nível de uma renda mínima necessária à sobrevivência e à inserção social.

apresenta, na sua “história de vida”, como “o porta-voz dos zonards*», durante a Marcha contra o desemprego e a exclusão, de 1994. Certamente, ele conserva a palavra líder, mas para subverter nela sua parte de poder habitualmente atribuída pela classe política: «Quando eu digo líder, isso me irrita porque eu não sou um. [...] Líder é um cara que é anarquista, que chega faz funcionar os negócios sem que ele tenha poder pra isso». Ele preconiza, em alguma medida, a dispersão do líder: «É preciso muitas pessoas que tenham um pequeno poder ou que sejam líderes”. Líder é entendido aqui no sentido do homem de ação que suscita o movimento dos cidadãos, inicialmente tornados passivos pela sua adversidade: “Eu faço as coisas, as pessoas, eles estão em torno de mim porque eu faço as coisas”. Atualmente, trata-se, de fato, de um porta-voz que se define como tal. Entretanto, no caso já citado de Yannick, encontramos-nos numa posição de porta-voz, mas na co-partilha progressiva dos argumentos entre o entrevistador e o entrevistado.

Com efeito, nesse segundo exemplo de história de via, intuir-se como ativo no movimento é “viver com as pessoas”, agir com elas com vistas ao “encargo das pessoas por elas mesmas”, segundo os termos de Patrick. A co-partilha torna-se assim inerente à ação no movimento. Passa-se, do mesmo modo, ao que nos parece, na dimensão do ato de linguagem da “história de vida”: o entrevistador é, segundo uma redefinição, ao mesmo tempo, co-autor e co-ator dos argumentos da narração que ele registra.

A razão sociológica define o próprio pesquisador como um produto da história observada, na sua posição de co-autor apreendido pelo encontro com o Outro. A razão discursiva introduz-nos, por sua parte, numa "história de vida" na qual o observador-entrevistador tem sua parte de co-ator, exercendo, portanto, diretamente sua responsabilidade no que faz sentido no interior da "história de vida".

*

Precisemos que o modo de implicação do pesquisador na pesquisa de campo junto aos ditos "excluídos" sobre a base de sua "história de vida" – seguida de acontecimentos singulares não desprovidos de preocupações universalistas – interdita de objetivar as representações que cada um faz de

* NT.: Trata-se da designação atribuída às pessoas, em particular aos jovens domiciliados nos bairros periféricos, que vivem nas zonas desfavorecidas das cidades.

si mesmo, tanto aquelas do entrevistador na sua maneira de seguir a "história de vida", retomando-a a todo o momento, quanto aquelas do sujeito da "exclusão" em busca de autonomia discursiva.

É porque essa enquête discursiva sobre os atores do campo de exclusão participa, primeiramente, de uma relação de reciprocidade com os indivíduos ditos "excluídos", estando mesmo entre eles, antes mesmo de qualquer consideração do diálogo institucional entre os ditos "excluídos" e os "atores da luta contra a exclusão", que os atores são constituídos e reconhecidos periodicamente pelos poderes públicos no que concerne seu pertencimento associativo.

Tomemos como novo exemplo duas histórias de vida de Hervé e de Anne, que vivem no vale do Tarn, ou seja, na zona rural. No começo, nós efetuamos uma análise separada de cada narrativa, mostrando, certamente, sua parte de autonomia referente ao indivíduo, mas em diferentes termos para cada um. Hervé concebe sua busca de emancipação na luta individual contra a sociedade atual ("eu sou revoltada de nascença", "Eu luto pessoalmente", "Eu estou fora da sociedade"), portanto, apoiando-se aí sobre a idéia usual de luta. Anne define sua diferença por meio de seu próprio universo de referência e – nós veremos como –, sendo ela contra a norma ("É um quadro sobretudo de normas, de limites no próprio indivíduo") e pelo direito de dispor-se de si mesma.

Entretanto, trabalhando, numa outra perspectiva, na história das mulheres, sobre a diferença homens/mulheres e sua própria visibilidade (Dermenjian, Guilhaumou, Lapied, 2000), dissemos-nos que seria interessante estudá-las juntas numa progressão temática que tenderia a evidenciar sua complementaridade, e não sua oposição sobre a base da distinção estereotipada entre a razão masculina e intuição feminina.

Hervé coloca, primeiramente, em torno dos enunciados Pessoas (que)/as pessoas, um universo dos excluídos ("Pessoas que têm problemas; Nós, os jovens, que temos problemas; Pessoas que são como você"), entretanto, com uma parte de distância ("pessoas que deliram; pessoas à sua volta usando (droga); pessoas que vivem de nada; pessoas mais infelizes que você"). Depois, ele designa aqueles que o excluem ("as pessoas, elas excluem; a exclusão está na cabeça das pessoas").

Anne inscreve-se, antes, de um ponto de vista lingüístico, numa lógica co-constitutiva do indefinido, pelo uso do artigo indefinido,

sobretudo uns ("Tinha umas pessoas que eu tinha encontrado e que me disseram que eu estava, que eu tinha..."), por vezes, substituída por um verbo indefinido no infinitivo ("Mas para viver, subsistir, me basta de colher, de juntar, de pegar, enfim"). Lembremos que, do ponto de vista enunciativo, o artigo indefinido singulariza-se em francês em relação ao artigo definido pela ausência de uma presunção de identificação da parte do interlocutor. Além disso, ele não acarreta uma pressuposição de existência e de unicidade. Em resumo, ele permite a autodeterminação do referente.

Assim quando o entrevistador interroga-se sobre o nós das pessoas que têm trajetórias marginais, uma relação se instaura com o entrevistado numa ligação positiva e negativa à marginalidade ("Tem uns grupos ou uns... um nós, um nós?/ De fato, mesmo no que se chama de as pessoas marginais, eu estou frequentemente naquele grupo, tem muitos subgrupos lá dentro, de fato, eu sinto que eu não pertencço a nenhum grupo"), uma vez que a singularidade indefinida seja evidenciada. É então que Anne pode estabelecer, na sua narrativa, uma problemática do grupo na diferença em torno das pessoas com quem, que se inscreve, ao mesmo tempo, na intuição, numa ligação mantida ao indefinido ("Radar, radar, onde você está?"/ Francamente, eu tenho intuição, e eu só funciono desse jeito... Tem uns") e na reivindicação do direito à diferença para as pessoas ("Você briga muito?/Sim, de fato, o direito à diferença, de fato, simplesmente que é uma via completamente esquecida, os direitos à dispor-se de si mesmo").

Nós podemos, portanto, concluir que Anne opera, num procedimento co-constutivo com Hervé e os entrevistadores, uma re-semantização positiva, um retorno discursivo da expressão umas pessoas, utilizada por Hervé sob um duplo aspecto positivo/negativo, pelo uso do artigo indefinido e sob a categoria interpretativa do direito à diferença. De Hervé a Anne precisa-se assim um trajeto emancipatório que parte da dualidade umas pessoas que têm problemas/ as pessoas, elas excluem para chegar a as pessoas marginais denifidos na sua unidade própria, seu valor imanente a título de referência ao direito pelas pessoas. Aqui a contribuição de Anne não se situa na intuição feminina num mundo à parte, mas constitui uma parte integrante, na perspectiva da contribuição inicial de Hervé, de uma dinâmica englobante, autônoma sob o efeito do indefinido, numa co-construção que concerne, ao mesmo tempo, a relação entrevistador-entrevistado e a relação homens/mulheres.

*

No interior da enquête assim apresentada, a complementaridade de nossos procedimentos metodológicos de analista de discurso com aquela dos entrevistadores procede como uma interrogação sobre uma razão discursiva elaborada no contato da razão sociológica utilizada no trabalho de enquête. Convém, portanto, de fato, sublinhar a responsabilidade partilhada entre o entrevistador e o entrevistado na elaboração dessas histórias de vida, e mais amplamente no fenômeno da co-construção discursiva.

A parte da razão discursiva na enquête inscreve-se, então, parecidos, no fato de que o analista do discurso não se atém a uma única reconstrução narrativa dos trajetos de sujeitos ditos "excluídos", e ao seu estudo comparativo. Ela reenvia-nos, mais especificamente, aos argumentos da análise tais como eles são reconstruídos pela séria consideração dos recursos dos co-autores da enquête no próprio interior da dinâmica pragmática acionada pelo primeiro enunciado da narrativa "eu nasci". Ela procede, portanto, de um reconhecimento recíproco no qual cada um legitima o outro de modo igualitário, mais exatamente argumenta sobre as instituições do outro, que traduz assim a violência exercida pela sociedade sobre os ditos "excluídos" numa certa forma de reconciliação discursiva. Nós consideramos, portanto, que a reconstrução discursiva, operada pela análise das "histórias de vida", descentra a narração individual como tal para situá-la num espaço de intercompreensão estruturada por argumentos, na ocasião, compartilhados pelos protagonistas da troca no próprio lugar da interação.

De fato, a irrupção da fala do dito "excluído", pela mediação da narrativa, confronta permanentemente o entrevistador a uma subjetividade tão forte quanto irreduzível a toda visão de um sujeito socialmente dependente. Então, interpelado por uma busca de autonomia, o entrevistador não se contenta de deixar exprimirem-se as convicções da enquête. Ele tem sua parte de responsabilidade na emergência da dimensão universalizante da expressão pessoal. Ele acaba por participar ativamente dos movimentos produtores de argumentos no curso do trajeto das histórias de vida.

Em conclusão, nós podemos considerar que os efeitos de sentido produzidos por um procedimento metodológico co-constutivo tendem a

conferir uma nova visibilidade social no mundo dos "sem". Além disso, tal procedimento metodológico pode ser ampliado ao conjunto dos atores do movimento social: ele permite, com efeito, mostrar de que modo os atores sociais integram a alteridade sobre a base de um processo de reconhecimento recíproco, sobretudo, em caso de exclusão. Nesse sentido, ele pode também beneficiar uma pesquisa histórica sobre o presente da Revolução Francesa no interior do movimento social (GUILHAUMOU, 2005b). Trata-se, mais geralmente, de mostrar que as questões éticas relativas à emancipação humana abrem-se aos problemas de visibilidade do movimento social, tanto em matéria de estima de si quanto de política da justiça.

Bibliografia

DERMENJIAN, Geneviève; GUILHAUMOU, Jacques; LAPIED, Martine. Femmes entre ombre et lumière. Recherches sur la visibilité sociale (16^{ème}- 20^{ème} siècle), Paris, Publisud. 2000.

DONZEL, André; GUILHAUMOU, Jacques. Les acteurs du champ de l'exclusion à la lumière de la tradition civique marseillaise. In: SCHNAPPER, Dominique (direction). Exclusions au cœur de la Cité. Paris, Anthropos, s.d.

GUILHAUMOU, Jacques. La parole des Sans. Les mouvements actuels à l'épreuve de la Révolution française. Lyon, ENS Editions, 1998

GUILHAUMOU, Jacques. Où va l'analyse de discours. Autour de la notion de formation discursive. Marges.linguistiques, N°9 [texte publié antérieurement sur le Web par la revue Texto], 2005a.

GUILHAUMOU, Jacques., La Révolution française à l'horizon du mouvement social. Une question de visibilité sociale, Réseaux, N°129-130, 2005b.

MÉSINI, Béatrice; PELEN, Jean-Noël; GUILHAUMOU, Jacques. Résistances à l'exclusion. Récits de soi et du Monde. Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence. 2004.

PECHEUX, Michel. Ouverture. In: CONEIN, Bernard et alii (direction). Matérialités discursives. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.